

Na *downtown* nova-iorquina

Aba Cahan

JACÓ GUINSBURG

Professor emérito de Estética e Teoria do Teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ensaísta, escritor e diretor-presidente da editora Perspectiva

A **HESTER STREET** É HOJE UMA REFERÊNCIA QUASE LEGENDÁRIA AO *SHITETL-EAST SIDE*, QUE imigrantes judeus vindos de todos os *shtetlach*¹ (cidadezinhas) da Europa Oriental e alguns trânsfugas do Ocidente estabeleceram na *downtown* nova-iorquina. Quer dizer, na parte baixa. Mas, com o correr do tempo, e com o seu povo ascendendo para as regiões mais altas, *uptown*, ela se converteu em uma legenda simbólica de algumas fotografias que retratam um flagrante de feira com a variada galeria de sua humanidade detida em sua azáfama pelo aviso do fotógrafo: “olhem o passarinho” – a posar para o futuro.

Mas essa foto do álbum da imigração judaica para os Estados Unidos, sobretudo após o assassinato do imperador Alexandre II e a deflagração massiva dos progroms na Rússia czarista, em primeira página, e de suas circunvizinhanças europeias no noticiário dos *fait divers*, revela apenas um instantâneo de uma dramática busca de sobrevivência física, econômica, identitária, individual e coletiva, que vai se precipitar, com seus sonhos de redenção, libertação e eldorados, às margens do Hudson, no *American way of life*.

Registrado desse modo, tratar-se-ia de uma massa amorfa que se lança na voragem ianque tão-somente com suas trouxas e travesseiros de plumas a resguardar seus *taleissim* (xales de oração) *makhezorim* (livros de orações para os dias de festas), *menoires* (candelabros de sete braços), *hanuque lemplakh* (lâmpadas de *hanuká*) “*fun der heim*” (de lá de casa) e, quando muito, a *Guemore* (Guemará, discussão e comentários sobre a Mishná), o *Tanakh*² com Raschi e talvez um comentário de Maimônides da *Yeshive* (instituição para o estudo da Torá e do Talmud), além do jargão iídiche na fala de todos os dias, no *lidl* (cançãozinha) na *bokhme* (sabedoria, dito espirituoso e/ou engraçado), e na tragicomédia do cotidiano – matéria-prima a ser lançada indefensavelmente na máquina metropolitana de trituração das tradições, valores e costumes.

Mas esta é uma tomada de frente, à primeira vista, pois uma inspeção mais profunda na bagagem e mais ainda nas ideias desses imigrantes encontraria, em um bom número deles, algo que talvez, por seu reduzido volume, não atraía a atenção dos guardas alfandegários, e para o qual a Estátua da Liberdade, em Long Island, lá do alto, fechava complacentemente um olho...

De fato, nela, de permeio, seria possível encontrar em iídiche, hebraico, russo e alemão páginas de Most, Marx, Engels, Bakunin, Kropotkin, proclamações da I e da II Internacional, do anarquismo, da social-democracia alemã, do Bund, não faltando Jitlovsky, Ahad Aham, Herzl, Sirkin e Borohov.

São os seus portadores que, desfeitas as malas de viagem, iniciada a busca do pão de cada dia no novo mercado de trabalho, e nas novas condições de vida, fizeram ouvir as vozes de seus ideários e deram alento aos primeiros esforços de organização sindical e

política daquelas levas semi-rurais, agora massivamente proletarizadas nos *sweat shops* e amontoadas nos pardieiros nova-iorquinos. Sua atuação pioneira, suas lutas, dissensões e conquistas escreveram alguns dos capítulos mais significativos da história do trabalhismo judeu nos Estados Unidos e mesmo americano. Sob a bandeira secular da pregação anarquista, socialista e/ou nacionalista, eles emergiram na praça pública, nas demonstrações e protestos, nos *meetings* e nas greves, nos jornais e nos panfletos. Como agitadores, políticos, organizadores sindicais, jornalistas, poetas, escritores, dramaturgos e atores, logo deram seus nomes e sua ação aos embates desse processo, imprimindo-lhe o selo de suas personalidades no desenvolvimento da vida e da cultura coletivas.

Nomeá-los é suscitar a memória de militantes radicais como Iossef Barondis, Morris Winchevski ou Avrom Liessin, de poetas como David Edelstadt, Iossef Bovschover e Morris Rosenfeld, de autores teatrais como Jacob Gordin, de atores como Iankev Adler ou David Kessler e tantos outros que inscreveram a sua atuação nos dramas mas também nas farsas destas primeiras gerações de *eastsiders*.

Mas as vicissitudes de suas glórias e de seus malogros, de seus lances de egoísmo e altruísmo, de seus erros e de seus acertos encontram talvez uma configuração, senão icônica, ao menos notável, na pessoa de Abraham ou Aba Cahan. Ela se desenha ao longo de sua vida (1860-1951) em uma biografia de um *yeshive buker* (discípulo da *yeshive*) que se desprende dos estudos tradicionais para cursar um seminário rabínico oficial na Rússia czarista. Integra-se aí ao movimento revolucionário da Narodnaya Volia (Vontade do Povo), foge para a América, participa das tentativas de politização e sindicalização das massas judaicas desde a sua chegada ao Novo Mundo, funda com outros ativistas jornais, revistas, sempre de marcado teor ideológico-político, torna-

se jornalista profissional, folhetinista, romancista, não só em iídiche como em inglês, e, por último, um dos grandes expoentes do judaísmo americano e de sua americanização, cujos problemas, querelas e realizações são vertidos, até o fim de sua vida pela pena deste seu editor nas páginas do diário *Forvertz* (Avante) que centenas de milhares de leitores judeus, nos Estados Unidos e no mundo todo, liam diariamente, informando-se, inscrevendo ou rejeitando o que estava na ordem do dia de seu tempo e o que, no final de contas, estaria já na ordem do registro dos fatos históricos. É esta figura que Ronald Sanders ([1969] 2009) contextualiza e individualiza, inteirando no seu retrato os retratos de uma geração de *Downtown Jews*, uma saga de existência de uma coletividade entrelaçada no perfil de um homem.

E não será talvez excessivo considerar que ninguém mais do que o próprio Aba Cahan soube pintar ficcionalmente no relato em que demonstra não só o domínio adquirido por ele na sua língua de adoção como o amadurecimento de sua linguagem narrativa. *The rise of David Levinsky* (O ascenso de David Levinsky) é sem dúvida a projeção mais reveladora de uma personagem que encarna, na sua realidade ficcional, as realidades vivenciais de um grupo e a realidade pessoal de um autor, como se pode entrever na seguinte passagem da lembrança do herói da história:

Às vezes, quando penso no meu passado de maneira superficial, casual, a metamorfose pela qual passei me parece nada menos do que um milagre. Nasci e fui criado nos estratos mais baixos da pobreza e cheguei à América – em 1855 – com quatro centavos em meu bolso. Valho agora dois milhões de dólares, e sou reconhecido como um dos dois ou três homens de proa na indústria de roupa feita dos Estados Unidos. E, no entanto,

quando dou uma olhada em minha identidade interior, tenho impressão de ela ser a mesma que era há 30 ou 40 anos. Minha presente posição, poder, o montante de felicidade terrena às minhas ordens, e o resto disto, parecem-me despidos de significação (CAHAN, 1917, Book 1, parágrafo 1).

NOTAS

1 Esta e a maioria das demais palavras cujo significado se encontra entre parênteses, neste texto, são em língua iídiche.

2 O Talmud, formado pelas discussões rabínicas referentes à lei, aos costumes e à história do judaísmo, define e dá forma a este, alicerçando todas as leis e rituais judaicos (DJAMAL, 2003). Ele tem dois componentes principais: a Mishná, um livro sobre a lei judaica, e a Guemará, discussão e comentários sobre o primeiro (DJAMAL, 2003).

REFERÊNCIAS

CAHAN, Abraham. *The rise of David Levinsky*. New York: Harper & Brothers, 1917. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/eldritch/cahan/rdl.htm>. Consultado em 26/07/2010.

DJAMAL, Tev. O que é o Talmud? *Revista Morashá*, ed. 43, dezembro 2003.

SANDERS, Ronald. [1969] *The Downtown Jews: Portraits of an Immigrant Generation*. New York: Barnes & Noble, 2009.